

## O LIVRO DELAS: AUTORIA FEMININA NO CORDEL, CANTORIA E GRAVURA<sup>1</sup>

## THE BOOK OF THEM: FEMALE AUTHORSHIP IN CORDEL, CANTORIA AND ENGRAVING

Francisca Pereira dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Nesta comunicação, apresenta-se a pesquisa que deu origem ao *livro delas – catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina* –, revelando-se os caminhos e percursos de quase duas décadas na construção de uma historiografia das mulheres no campo da literatura de cordel e repente no Nordeste do Brasil. Esta publicação – construída a partir da crítica feminista, dos estudos da mulher, de gênero e da oralidade –, apresenta e demarca a presença e a territorialização de mulheres no campo da cultura, sendo tanto um contributo aos estudos do folheto, xilogravura e cantoria, quanto uma nova história para essa área, até então, marcadamente masculina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher. Cordelista. Cantadora.

**ABSTRACT:** This communication presents the research which originated *the book of them - catalog of women's authorship in cordel and northeastern cantoria* - revealing the paths and courses of almost two decades in the construction of a historiography of women in the cordel and repente field in Northeast Brazil. This publication - built from a feminist critique, and women, gender and orality studies - presents and delimits the presence and the territorialization of women in the culture field, being both a contribution to the booklet, woodcut and singing studies, and to a new history of this area, which has been so far, predominantly masculine.

**KEYWORDS:** Woman. Cordelista. Cantadora.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 11/03/2020 e aceito para publicação em 25/05/2020.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: francisca.fanka@ufca.edu.br. ORCID: orcid.org/0000-0003-3564-7288.



## Apresentação

Foi somente na transição entre o século XX ao XXI, no ano 2000, que uma das mais importantes obras sobre a produção de autoria feminina na literatura brasileira do século XIX, organizada por Zahidé Lupinacci Muzart (2000), veio ao público e, não por acaso, por uma editora de mulheres. Até então quase nada sabíamos sobre as 52 autoras ali apresentadas que escreveram e publicaram, a exemplo de Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Idelfonsa Laura César, entre tantas outras. Essa publicação não trouxe a revisão necessária da historiografia literária que continua ignorando essas autoras e obras. Contudo, ela abriu o espaço para trazermos ao palco essas e outras autorias femininas como a das mulheres de cordel e da cantoria, por exemplo. Se, conforme Rita Terezinha Schmidt (2001), as romancistas do século XIX foram excluídas da memória social e cultural da nação por apagamento historiográfico, o que dizer, então, das poetisas de folhetos em cordel e das cantadoras nordestinas, ignoradas pela historiografia oficial e até quase nunca representadas nos estudos da chamada cultura popular e do folclore<sup>3</sup>? São escassos os registros sobre autoria feminina. São poucas as pesquisas e referências sobre o tema. Eventualmente o pesquisador atento poderá encontrá-las em breves citações, notas de rodapé ou registros nos estudos dos folcloristas. Em cada campo do conhecimento, seja na história, na literatura, no cinema ou nas artes plásticas, é preciso elaborar uma outra historiografia para dar conta da presença da mulher, como é o caso desta pesquisa, que pretende trazer as vozes das mulheres autoras de folhetos e cantadoras repentistas.

Foi essa ausência da presença feminina na historiografia, um dos principais motivos pelos quais iniciei, em fins da década de 1990, o trajeto que me permitiu compor um livro-catálogo.

Ao longo de 20 anos de investigação sobre o tema, construí as bases para uma nova historiografia para o campo do cordel, podendo demonstrar que se a história convencional ensina que as mulheres não atuavam nessa área, esse percurso da pesquisa mostra justamente o contrário: as mulheres sempre existiram como produtoras de uma poética da voz e, quando emergiu o sis-

<sup>3</sup> A ciência do folclore é uma abordagem de recuperação e estudo de manifestações tradicionais muito importante, nascida no século XIX, e injustamente desvalorizada pela Academia como sendo um método de pesquisa de campo, considerado pelos literatos como não científico.



tema editorial do folheto, elas também publicaram, mesmo com pseudônimo masculino.

O encontro com essa autoria, contudo, necessitou de que eu me distanciasse da visão, teorias e epistemologia da ciência da literatura, ensinada no curso de Letras. Logo entendi que estava num espaço cheio de preconceitos e crenças negativas que ali foram erguidas em verdade, tais como a teoria de que as produções dos poetas de folhetos são criações “primitivas”, “arcaicas”, “espontâneas” e que classifica a poética da oralidade como uma “paraliteratura” ou “literatura popular”.

Foi com a consciência de que precisamos mudar a representação convencional dessas poéticas que enveredei para os estudos de oralidade e gênero, observando nos dois campos teóricos, sua relação. Juntar a visão crítica que trazem ambas as áreas, foi necessário para poder mostrar a presença das mulheres poetisas, cantadoras, declamadoras, produtoras de folhetos, gravuristas e radialistas. Precisava também de outra percepção das tradições orais, da sua *ars poetica* baseada na voz humana, tão diferente da escrita, para perceber que a inexistência de autoras mulheres na historiografia oficial não é devido ao fato de elas não saberem ler e escrever, pois o não domínio da tecnologia da escrita jamais significou um empecilho para a criação e produção dos folhetos. As mulheres sempre criaram, produziram e eventualmente publicaram, conforme podemos ver no *Livro delas: catálogo de autoria feminina no cordel e na cantoria nordestina*. É a historiografia que é preconceituosa; a sua maneira de desqualificar a poética das vozes e sua forma impressa, o folheto, baseia-se num erro elementar scriptocêntrico: o de aplicar para o estudo do folheto, sem questionamento, os métodos e estratégias de análise, os critérios e juízos de valor próprios ao mundo da escrita. São esses juízos de valores scriptocêntricos que descobrimos nos livros didáticos de história da literatura, nas matrizes curriculares, em vestibulares e cursos universitários. Essa visão e preconceitos, embora estejam sendo questionadas na atualidade, continuam vivos, reafirmando a persistente dicotomia do pensamento ocidental que privilegia sempre o campo da cultura oficial, escrita e livresca, em detrimento de outras poéticas e culturas, aplicando a elas os códigos, valores e normas do Cânone que asseguram e justificam a presença de uns e a exclusão de outros.



Apesar de todas essas lacunas, teorias limitantes e escassez de estudos sobre o tema em tela, encontrei, através de alguns folcloristas, como Leonardo Mota, Rodrigues de Carvalho, Câmara Cascudo e outros poucos, breves citações sobre mulheres cantadoras repentistas como: Chica Barroso, Maria do Riachão, Vovó Pangula, Terezinha Tietre, entre outras, conforme disponibiliza o *Livro delas*. Os trabalhos desses folcloristas constituem uma das principais fontes documentais para que possamos demonstrar a existência de mulheres, artistas da arte da improvisação poética. É nesse sentido, portanto, de recuperação e reabilitação das mulheres poetisas nordestinas, que esse livro-catálogo valoriza os estudos folcloristas, tão desvalorizados no discurso oficial quanto é as produções das mulheres cordelistas.

Nessa área, as reflexões teóricas de Ria Lemaire e Rita Terezinha Schmidt (2007) foram indispensáveis para a minha consciência de que as práticas e teorias vigentes convencionais não são fontes de um conhecimento científico superior, neutro e objetivo, nem funcionam isoladas dos contextos político, social e econômico. Poder enxergar o quanto a política nacional penetrou nas poéticas da época, o quanto a ciência da literatura e a sua historiografia serviram para a construção e legitimação dos Estados-nações e, no caso do Brasil, para a Ditadura, me permitiu compreender melhor como se deu a exclusão feminina no campo cultural em questão, como e porque se consolidaram determinados cânones em determinadas épocas e outros não.

Para esse livro-catálogo, reuni as provas documentais da existência das vozes de autoria feminina. Primeiramente: os próprios folhetos, os CDs de repentistas, fotografias, cartas, álbuns, xilogravuras e desenhos para a capa dos cordéis. Em seguida, as provas secundárias, tais como teses, dissertações, livros, entre outras publicações. Todas essas provas estão presentes ao longo do catálogo que relata o caminho da minha pesquisa de vinte anos. O capítulo I discute a importância das duas abordagens críticas do discurso vigente, o seu viricentrismo e o seu scriptocentrismo. O capítulo II os apresenta sob o lema de testemunhos de cinco categorias diferentes. O conjunto dessas fontes – bibliografias, testemunhos e imaginários –, revelará, de forma pertinente, a existência de uma matriz da voz poética feminina nordestina. Os encontros com esses variados documentos,



apresentados nos capítulos III e IV, me permitiram visualizar um mundo complexo, repleto de poetas, xilogravadores, editores, congressos, festivais, livros, coleções, acervos e muitos outros elementos, para pensar esse campo como um sistema vivo, dinâmico e bem organizado. Ao libertar-me da imagem que oferece dele a historiografia oficial, fui aos poucos descobrindo outra realidade. Isso foi possível durante todo o trajeto da pesquisa, mas principalmente, a partir de 2008, quando o meu doutorado-sanduíche no Centro de Estudos Latino-Americanos (CRLA) da Universidade de *Poitiers* na França, me permitiu enxergar e traçar o itinerário do meu caminho de pesquisa. Nesse contexto, aprendi e sistematizei a mudança de paradigma científico de que precisava para trazer essa contribuição ao formular e combinar os princípios epistemológicos interligados e indispensáveis para esses estudos. Combinei as visões críticas que trouxeram para o campo das ciências humanas as correntes pós-modernas do viricentrismo (mulher e gênero), do scriptocentrismo (poéticas das vozes da oralidade, transição de oralidade para escrita, a noção de testemunho) e o da crítica do nacionalismo do discurso vigente.

### **A crítica feminista, os estudos da mulher e de gênero**

A proposta de uma nova historiografia no campo da poética das vozes – cantoria e folheto – a partir da presença e contribuição da mulher, não se poderia aprofundar sem adentrar nas questões de gênero. O papel fundamental do GT Mulher e Literatura da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, ANPOLL, provocou nos quase 35 anos da sua existência uma mudança radical na visão convencional da Literatura brasileira e do seu cânone, graças a um trabalho intensivo de transgressão, subversão e descentramento do paradigma convencional dos estudos de Letras. Concernente aos estudos voltados para a poética das mulheres cantadoras e autoras de cordel, contudo, poucas foram as contribuições, embora esses estudos tenham sido fundamentais para elucidar o teor e as consequências do discurso oficial sobre o campo do cordel e da cantoria como sendo territórios exclusivamente masculinos.



Lembro-me da entrevista que fiz com a poetisa paraibana, também atriz e romancista, Clotilde Tavares, na cidade de João Pessoa (PB), em 2007, quando ela contou uma anedota bem reveladora a esse respeito:

Eu ganhei um concurso de contos, então foi publicado cinco contistas potiguares, e na festa do lançamento, em 1976, eu disse uns versos, que não eram meus, e sim publicados, porque sei muitos versos decorados, eu dizia uns versos, no *coktail*, e tinha um rapaz que disse: “a Fundação José Augusto está com um projeto para publicar uns folhetos, pena que você não escreve”. Então, eu disse: “escrevo sim”. Então ele disse: “cordel é coisa de homem”, aí eu disse: “mas eu escrevo, o que é?”. Ele disse: “um folheto sobre Chico Santeiro...” e com dois ou três dias eu entreguei o texto a ele. E foi este folheto *A vida e obra de Chico Santeiro*. (TAVARES, 2007).

Um dos grandes pesquisadores do folheto, Joseph Luyten, afirma em um dos seus artigos: “Se os autores, por uma razão ou por outra, não conseguiram citar uma só autora, uma só trovadora, é que realmente o ‘sexo fraco’ não se interessa pelo cancionero nordestino” (LUYTEN, 2003, 146). A citação demonstra a postura do pesquisador em relação à questão feminina. Não somente nega a existência de uma produção poética de mulheres, como transfere para elas a responsabilidade de não haver, na historiografia, referências sobre suas poesias. Esses são alguns exemplos que exemplificam uma ordem de discursos que não reconhecem e até contestam a existência de mulheres cantadoras e trovadoras, até caírem nas piores contradições. No mesmo artigo, e algumas páginas depois, o mesmo pesquisador faz referência à cantadora Maria do Riachão!

Quando, nos anos sessenta, a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) assume a missão de divulgar o folheto de cordel nordestino como uma literatura popular e nacional, brasileira, uma longa série de publicações, antologias, um catálogo e estudos, silencia definitivamente a voz das mulheres na historiografia dessa “nova” literatura nacional, apagando a memória delas ainda presente nos estudos dos folcloristas. O catálogo da Fundação, por exemplo, publicado em 1961, ignora a autoria feminina. O folheto de Maria



das Neves Pimentel, publicado por ela com o pseudônimo masculino de Altino Alagoano, na década de 1930, é ali mencionado só com esse pseudônimo.

Em 2008, já concluindo minha tese de doutorado, fiquei sabendo que a FCRB publicaria biografias de autores cordelistas. Logo escrevi para a Casa perguntando quais seriam as autoras a serem contempladas. A resposta que obtive através de *e-mail* foi sucinta: “nenhuma delas”, com o argumento de que o projeto estava restrito ao acervo institucional de 1900 a 1980, cujos autores eram todos homens!

Resposta parecida se deu a partir de uma conversa que tive, na mesma época, na Bienal Internacional do Livro em Fortaleza (CE), com o professor e amigo Joseph Luyten, responsável pela edição de outra importante coleção de folhetos da editora Hedra de São Paulo. Ao questionamento que lhe fiz sobre a ausência de títulos de autoria feminina nessa coleção, o estimado professor se defendia com o argumento de que a publicação de autoras nessa coleção não teria sentido, em razão da pouca quantidade de folhetos produzidos por elas! Nem mesmo os da reconhecida poetisa Bastinha – que àquela altura já havia publicado mais de 20 títulos! Curiosamente, o que constituía, segundo a política da coleção Hedra, o critério da admissão de uma obra ou autor no seu cânone – a qualidade da obra –, no caso da Bastinha foi substituído por outro critério: o da quantidade!

## Estudos orais e autoria feminina

Foram fundamentais para a criação do *Livro Delas: Catálogo de autoria feminina no cordel e na cantoria nordestina*, as perspectivas teóricas dos estudos orais e das reflexões desenvolvidas nesse campo pelo medievalista Paul Zumthor, nos seus estudos sobre performance e vocalidade como bases da literatura medieval. Ao demonstrar que a literatura medieval europeia não foi uma literatura escrita no sentido moderno da palavra, mas uma literatura de vozes transcritas, Zumthor abriu a possibilidade de ver e estudar o folheto de cordel como o produto de uma fase parecida, a da transição de uma cultura oral para a mundo da escrita. Tornou-se possível analisar o folheto enquanto uma poética oral e impressa, em permanente trânsito entre oralidade e escrita e com



base na voz. No campo da teoria vigente, isso foi uma revolução, sendo que a doutrina oficial, defendida pelos eruditos da Casa de Rui Barbosa, apresentava cordel e cantoria como dois mundos diferentes. Para a questão da autoria da mulher, essa nova visão do folheto é fundamental: ela permite ver e estudar a origem comum e a continuidade das duas tradições como “dois ramos da mesma árvore”, estabelecer uma relação entre os testemunhos sobre mulheres poetisas repentistas famosas do passado e as cantoras e autoras de folhetos da contemporaneidade. Aí é que a noção de testemunho pode se tornar um conceito-chave para a descrição da enorme variedade de provas “documentais” encontradas no decorrer dos anos no caminho da pesquisa.

Tanto a crítica feminista como os estudos orais foram fundamentais para que eu percebesse que a entrada das mulheres autoras de folhetos de cordel, na atualidade, ao contrário do que parecia, não vinha a ser um fenômeno contemporâneo. O olhar para trás, para o passado, revelou que sempre houve mulheres poetisas no campo dessa poética e, embora excluídas do letramento e de determinados espaços públicos, elas também participaram da produção cultural desse campo transitando no âmago da primazia masculina, na “[...] ordem patriarcal de gênero” (SAFFIOTI, 2004, p.50) por meio da voz. Cantando em pelejas, como os homens, em duelos de cantorias, elas participaram e participam desse mundo, como Francisca Barroso, Vovó Pangula, Terezinha Tietre, Mocinha de Passira e muitas outras. A existência e a revelação dessas vozes poéticas trazem à tona outra história da poesia nordestina, questionando ao menos dois discursos construídos sobre ela, o androcêntrico centrado no homem e o escriptocêntrico. Além de cantadoras-repentistas famosas do passado, como as citadas, houve mulheres cordelistas que conseguiram publicar folhetos desde o início do século XX, como Maria das Neves Pimentel na década de 1930 e Maria Athayde na década de 1940, ambas filhas dos maiores editores de folhetos, respectivamente de Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde. Ao longo das décadas cita-se Josefa Maria dos Anjos que publicou nos anos cinquenta, Zaira Dantas nos anos sessenta, Maria José de Oliveira nos anos setenta, Josenira Fraga nos anos oitenta, Bastinha e todas aquelas que compõem este *Livro delas*.





## Mulheres artistas plásticas: autoras de capas de folhetos

Tendo a oportunidade de vasculhar arquivos e coleções, públicas e pessoais, encontrei, no *Centre de Recherches Latino Americaines – Fonds Cantel*, da Universidade de Poitiers, na França, um importante acervo de entrevistas em fita K7 que o professor Raymond Cantel e suas alunas pesquisadoras fizeram com os poetas e editores no Brasil. Entre essas entrevistas duas se destacam: a realizada com o filho de João Martins de Athayde, Marcus Vinícios Athayde, e uma fita gravada com o editor José Bernardo da Silva, ambas na década de 1970.

No tocante à entrevista concedida por Marcus Vinícios Athayde, transcrevo abaixo seu testemunho:

As capas de papai foram as primeiras a serem feitas à mão, era a minha irmã que fazia, a mais velha, Maria Atháide, mais velha, da outra esposa. **Ela desenhava todas as capas.** Normalmente fazia muitas capas pra ele aprovar uma. E ele me disse, já quando tava velho, que nunca gostou de uma capa dele, porque as que ele fazia não gostava, que ele desenhava também, e as que ele fazia, não gostava. Como não tinha solução, não queria mais colocar gringo na capa, então colocava os desenhos dela mesmo, pelo menos era uma forma dela ganhar dinheiro, entende? [...] ela não! Ela encarava como uma forma de criar uma coisa, ele como uma forma de ganhar dinheiro. (ATHAYDE, Marcus, 1970, grifo nosso).

O depoimento de Marcus Vinícios Athayde revela como a presença das mulheres, atuando como produtoras ao lado dos poetas, foi um fato cultural inquestionável, porém, despercebido ou mesmo descartado pelos historiógrafos e críticos.

Um depoimento do editor e poeta José Bernardo da Silva, em 1970, confirma que o caso da filha de Athayde não constitui uma simples exceção à regra da autoria feminina. As palavras registradas em seu depoimento ilustram a importância, para os editores masculinos, da questão financeira e a introdução de determinadas técnicas e tecnologias, no caso dele, a xilogravura. Estas xilogravuras seriam feitas, entre outros, por seus filhos e netos, e uma nora, Iraci, a autora de algumas das capas que publicou o editor na década de 1970:



[...] 1939 comecei com o ramo de tipografia, máquinas compradas em Fortaleza [...] e consegui com esse ramo [...]. Tenho um filho, Lino, que trabalha [...] de xilogravura, a mulher do Lino também, minha nora, trabalha em xilogravura e tudo isto vai facilitando para diminuir as despesas. (SILVA, 1970).

O fato é confirmado pelo poeta e xilogravador Stênio Diniz, neto de José Bernardo, que me explicou que “a mulher do Lino” era Dona Iraci, caracterizando-a como a “primeira xilogradora de Juazeiro do Norte” (DINIZ, 2009) e pelo pesquisador Gilmar de Carvalho (informação verbal)<sup>4</sup>, que confirmou que ela, de fato, compunha as capas dos folhetos da editora, como ele mesmo havia verificado em uma entrevista.

Atualmente é notável a participação das mulheres criando suas próprias capas de folhetos, realizando exposições dos seus álbuns, compondo capas para CDs etc. De Juazeiro do Norte cita-se algumas delas, como: Jo Andrade, Erivana Dark, Regilene Stefani e Esmeralda Batista. Atualmente as mulheres estão também presentes nos novos processos de composição de imagens, feitas a partir do uso do computador – as infogravuras. Como concluiu Vilma Mota Quintela: “A história da edição popular no Brasil ainda está por ser escrita.” (2010, p. 41) e, claro, escrita de modo a trazer a presença e a produção da mulher nordestina que não somente cantou, publicou folhetos, como criou capas, desenhos, colagens e gravuras.

## Conclusão: o momento de passar ao catálogo

Este catálogo reúne 213 autoras com folhetos coletados e 51 autoras citadas em referências secundárias, totalizando 264 autoras na historiografia. Um conjunto de 785 folhetos e 109 citados em textos diversos, somando 894 cordéis. Nesse catálogo, 34 ilustradoras e xilogradoras, e 62 cantadoras repentistas foram identificadas. Fechei a catalogação em 2013 quando terminei a digitalização de todos os folhetos no CRLA da Universidade de Poitiers e voltei para o Brasil. Uma comparação, só para dar uma

<sup>4</sup> Informação fornecida pelo pesquisador Gilmar de Carvalho em Conversa, em Juazeiro Norte, em 2010.



ideia da sua importância: o primeiro trabalho deste tipo sobre autores cordelistas do Brasil, data de 1961, promovido pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Esse trabalho apresenta mil folhetos (todos de autoria masculina), contendo 192 autores identificados e 143 anônimos.

A parte técnica do catálogo esteve a cargo da professora Cleide Rodrigues Bernardes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri, e de João Bosco Dummont do Nascimento, bibliotecário, que usaram as ferramentas de recuperação da informação da Biblioteconomia para a sua organização.

Algumas opções tiveram que ser feitas em relação aos termos. Usa-se, para as mulheres-autoras, a nomenclatura *poeta* (mais usada pela crítica feminista) e *poetisa* (usada pelos cantadores); assim também, a de *folheto* e a de *cordel* para designar a poesia impressa que vem do mundo das vozes. O *corpus* apresentado, hoje faz parte de projetos de pesquisa da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e da Universidade de *Poitiers* – França.

Tivemos como critério de seleção para esse catálogo o princípio da não exclusão, de modo que bastasse que uma mulher tivesse um único folheto publicado para ser inserida. O objetivo desse livro-catálogo foi criar as bases científicas para a sua existência, mais do que propor interpretações ou uma análise crítica das obras, ou formular juízes de valor sobre folhetos individuais. Nesse sentido, seu propósito foi abrir os caminhos para muitos novos projetos de pesquisa e uma futura nova historiografia do mundo da poesia nordestina (cantoria e folheto) e das mulheres poetisas que cantaram, publicaram no passado e no presente.

Esta pesquisa, que resulta na construção do I catálogo de autoria feminina no campo do cordel, teve, ao longo desses quase 20 anos de pesquisa, o financiamento de várias instituições, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Universidade Federal do Cariri (UFCA), Universidade de Poitiers (UP), o *Centre de Recherches Latino Americaines* (CRLA) – Archivos – Found Cantel, o Serviço Social do Comércio (SESC) Ceará, a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).



## Referências

ATHAYDE, Marcus Vinícios. Paris, França, 1970. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Raymond Cantel.

DINIZ, Stênio. Juazeiro do Norte, 02 fev. 2009. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Francisca Pereira dos Santos.

LEMAIRE, Ria. Repensando a História Literária. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.) **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.

LUYTEN, Joseph M. F. Feminismo versus machismo: autoras mulheres na literatura de cordel. *In*: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; BARBOSA, Sérgio (Org.) **Comunicação Latino-Americana**: o protagonismo feminino. São Bernardo do Campo: Catedra Unesco/ Umesp/Fai, 2003. v. 1, p. 141-155.

MELLO, Beliza Áurea de Arruda. Caleidoscópio feminino do cordel: autoras e personagens. *In*: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Orgs.) **Mulheres no Brasil**: resistência, lutas e conquistas. João Pessoa: Editora Universitária, 2006. p. X-Y

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Fundação Casa de Rui Barbosa. **Literatura popular em verso**: Estudos. Rio de Janeiro, 1973. t. 1. Disponível em: <http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibObPub&pasta=Literatura%20Popular%20em%20Verso:%20Estudos%20TOMO%20I&pesq=>. Acesso em: 23 jul. 2019.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Antologia. Florianópolis: Mulheres, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Cantadoras e repentistas do século XIX. *In*: **Poéticas da oralidade**: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 35, p. 207-249, Jan./Jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9663/8535>. Acesso em: 23 jul. 2019.

SILVA, José Bernardo da. Paris, França, 1970. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Raymond Cantel.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Poética e política: o romance do século XIX à margem da literatura. *In*: BRAGIO D'ANGELO (Org.) **Coletânea nuevas cartografias literárias en América Latina**: entre la voz y la letra. Lima: Fondo Editorial, 2007. p. X-Y.



O LIVRO DELAS:  
AUTORIA FEMININA NO CORDEL, CANTORIA E GRAVURA

SCHMIDT, Rita Terezinha. Escrevendo gênero, reescrevendo a nação: da teoria, da resistência, da brasilidade. *In*: IX SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 2001, Belo Horizonte. **ANAIS do IX Seminário nacional Mulher e Literatura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 125-126.

TAVARES, Clotilde. João Pessoa, 27 out. 2007. 1 dvd (60 min.). Entrevista concedida à Francisca Pereira dos Santos.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

